

*Maktub: a ocultação do feminino em **Lavoura Arcaica***

Pesquisadora: Maria Petrucci Sperb

Orientador: Antonio Barros de Brito Júnior

O ano de 2015 foi dedicado à elaboração e estruturação da pesquisa que teve início em junho passado: a proposta de uma nova chave interpretativa para a obra-prima de Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*, tradicionalmente lida a partir do materialismo dialético, foi motivada pelo incômodo causado pelo silêncio da personagem Ana. Como uma tentativa de exceder a análise clássica, cujo foco e centro é o narrador e protagonista André, a teoria direcionou-se para os estudos feministas e pós-estruturalistas, com destaque para a professora e pensadora norte-americana Judith Butler, e o objetivo tornou-se o de desocultar o texto, desvendar seu *modus operandi* e investigar a manutenção, intrínseca à esfera discursiva, do apagamento e da sujeição da voz feminina e do porquê de ela se apresentar essencial para a preservação da lógica masculinista, patriarcal e binária que rege a *Lavoura Arcaica*. Se o narrador é o único ponto de vista que nos chega, se é a única voz que tudo organiza e orienta, seria preciso, para alcançar a dimensão da personagem Ana e conferir a essa passagem central uma análise que lhe seja digna, problematizar a posição narrativa de André e desenvolver um trabalho descritivo de denúncia do funcionamento discursivo da ocultação do feminino e de sua imprescindibilidade para a ordem patriarcal.

O principal conceito de Judith Butler utilizado no trabalho é o da *matriz heterossexual*: um discurso hegemônico de normatização dos corpos enquanto dados biológicos e necessariamente binários que é enraizado e repetido compulsoriamente pelo maquinário cultural que nos produz. É em favor desse conceito, e da hipótese de que esse conceito regula a ambientação do romance de Nassar, que se argumenta: *maktub* é a parábola do avô que dispensa a tarefa didática dos sermões e se basta pela justificativa de que “está escrito”. “Está escrito, logo é” é a política da história das origens, uma estratégia narrativa que, ao elaborar uma única e autoritária descrição de um passado irrecuperável, faz da constituição da Lei algo historicamente inevitável, legitimando o seu gerenciamento *ad eternum*. Assim, é de maneira pré-ontológica que se distinguem as categorias de masculino e feminino, cabendo à última, em função da diferença sexual baseada apenas no regime biológico, o *locus* da reprodução, da obediência, da resignação. A posição feminina é, portanto, já um enquadramento em certas rotas discursivas (ser maternal e doméstica, ter conduta polida e delicada, apresentar-se como um objeto sexual desejável, etc.). Esse processo de enquadramento é fundamental para a constituição de certas identidades hegemônicas, como a masculina, que justamente instituem um Outro, um excremento de si, através de operações de exclusão e dominância. A construção hermenêutica de André como o pária, o transgressor, o insurgente, permanece em conformidade com os termos da economia falocêntrica: não é à configuração opressiva da sociedade patriarcal que o protagonista se opõe, muito pelo contrário, tanto que dela se vale quando lhe convém. Ao final do livro, André assume a voz do pai, oferecendo-lhe homenagem ao transcrever um de seus sermões fatalistas: a frase que encerra o romance é “que o gado sempre vai ao poço”.

Em 2016, o estudo acerca dos enquadramentos interpretativos que constituem as condições de reconhecimento dos sujeitos foi aprofundado a partir da leitura de *Quadros de Guerra*, ainda de Judith Butler, em que a capacidade de ser enlutável é apresentada como pressuposto de toda vida que importa. O *Totem e Tabu* de Freud também auxiliou no entendimento da instituição do tabu do incesto – e o da homossexualidade que o antecede – enquanto produtores das fronteiras que delimitam os corpos inteligíveis, apropriados, coerentes. A bibliografia até então permitiu concluir que o não-reconhecimento da posição masculina como distintiva causa um estrago à economia falocêntrica; a questão, agora, é o caminho a seguir. Deleuze classifica a produção de Foucault em um percurso teórico composto por três instâncias – o saber, o poder e a subjetivação –, o que poderia ser transposto para esta pesquisa e servir de maneira pertinente como um passo a passo: para se chegar à subjetivação, à insurreição da voz ocultada, é preciso denunciar as premissas que instituíram esse silenciamento e a disciplina que o sustenta. O trajeto, então, se desenvolveria privilegiando a investigação do gerenciamento da “ocultação”, pensando a economia discursiva do luto associada à noção do corpo abjeto, da vida precária, *ungrievable*, para, enfim, ser capaz de dimensionar o potencial político da “performance”, pensando no poder da vulnerabilidade quando liberta – vulnerabilidade no sentido *queer* de aparecer, mostrar-se, evidenciar-se.